

# Jovens Agricultores

REVISTA TRIMESTRAL #91

JUL|AGO|SET| 2012 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Associação dos Jovens Agricultores de Portugal

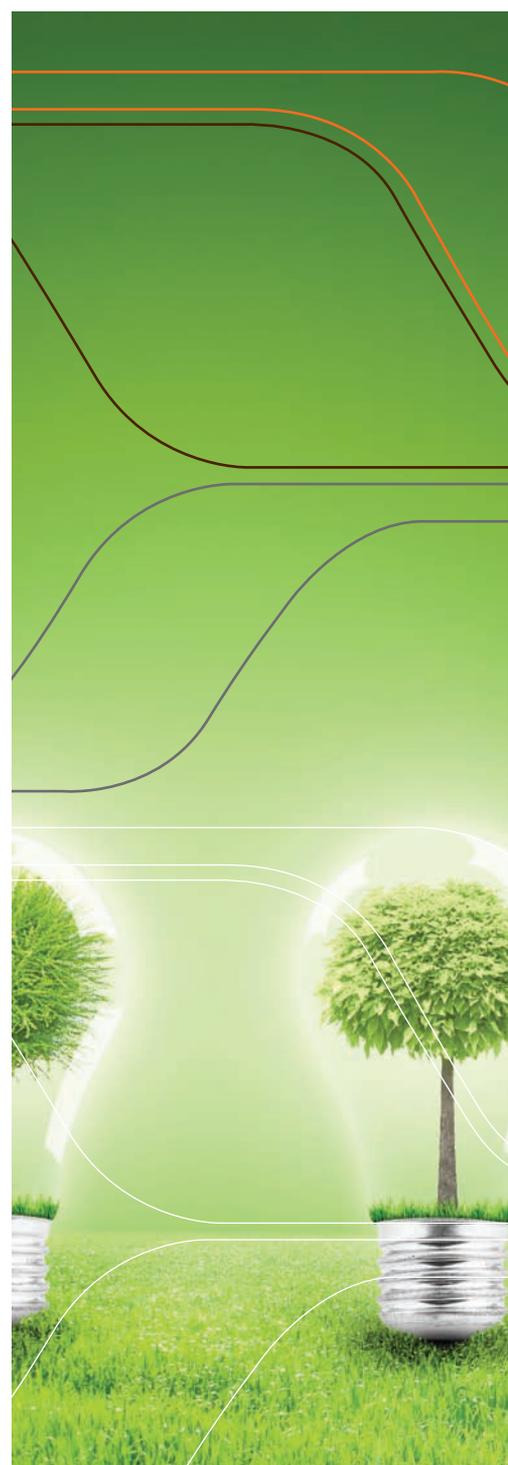
## JOVEM EMPRESÁRIO RURAL

*Um Novo Conceito para Potenciar  
o Desenvolvimento do Mundo Rural*





	EDITORIAL	3
	Jovem Empresário Rural	
	Armando Emanuel Pacheco   Presidente da AJAP	
	DOSSIER	4
	Jovem Empresário Rural	
	AJAP	
	Vale a Pena Discutir Um Novo Conceito de Jovem Empresário Rural?	
	Luís Mira da Silva, Rui Almeida e Lúcia Correia   Consulai	
	Jovens Agricultores Dinamizam Zonas Rurais	
	Assunção Cristas   Ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território	
	O Rejuvenescimento Agro-Rural: Um Novo Impulso	
	Miguel Freitas   Deputado do Partido Socialista	
	Novos Desafios na Região Centro	
	Adelina Martins   Directora Regional de Agricultura e Pescas do Centro	
	SER JOVEM AGRICULTOR	14
	Jovem Empreendedor   Na Bovinicultura	
	André de Oliveira e Silva	
	REFERÊNCIAS DO MUNDO RURAL	16
	Valeambiente	
	Cristina Pires e Bruno Guedes	
	UM SECTOR EM ANÁLISE	18
	Leite e Juventude	
	Carlos Neves   Produtor de leite, Presidente da APROLEP	
	ASSOCIATIVISMO	20
	Jovem Empresário Rural   Um Novo Conceito para Potenciar o Desenvolvimento do Mundo Rural	
	AJAP NA EUROPA	22
	Recursos Escassos da Próxima Geração de Agricultores Europeus Precisam Urgentemente de Mais Protecção	
	PUBLICIDADE	23
	PUBLI-REPORTAGEM	24
	Sistemas de Injecção de Alta Pressão de Combustível	
	Grupo de Tractores de Portugal	
	PUBLICIDADE	25
	PUBLI-REPORTAGEM	26
	Sistemas de Produção Renováveis	
	Energy Solutions   Visabeira	
	LEGISLAÇÃO	27
	PUBLICIDADE	28



## JOVEM EMPRESÁRIO RURAL

Armando Emanuel Pacheco | Presidente da AJAP



A figura de Jovem Empresário Rural é há muito defendida pela AJAP.

Finalmente foi possível realizar um estudo e criar condições para debater publicamente a necessidade, reconhecimento e enquadramento desta figura.

Objectivando a diminuição da desertificação do Mundo Rural, é imperioso reconhecer o papel dos Jovens Empreendedores que, pese embora as múltiplas adversidades que assolam o País no geral e a Agricultura em particular, ainda pretendem revitalizar o meio rural.

Este projecto visa dar resposta a inúmeras questões: o conceito de Jovem Empresário Rural deve ser fechado e restrito ou flexível e suficientemente abrangente para dar resposta às necessidades do meio rural? Deve estar associado à actividade agrícola ou à posse de terra? Deve ser complementar ou alternativo à actividade do Jovem Agricultor? Deve ter por base investimentos de pequena dimensão ou sem esta limitação?

Ainda muito há que batalhar para obter o reconhecimento do Jovem Empresário Rural e criar condições para que possa ser definido um adequado programa de apoio financeiro, que alavanque esta figura. Importa desde já reconhecer o trabalho desenvolvido e o empenho de todos os que contribuíram para o desenvolvimento deste projecto.

*Armando Emanuel Pacheco*

### Ficha Técnica

**Propriedade, Redacção e Edição** AJAP - Associação dos Jovens Agricultores de Portugal  
Rua D. Pedro V, 108 - 2º, 1269-128 Lisboa | Tel: 213 244 970 | Fax: 213 431 490

**Director** Armando Emanuel Pacheco

**Coordenação** Departamento de Comunicação **Redacção** Departamento Técnico

**Secretariado** Olga Leitão **Departamento Comercial** Olga Sereno

**Paginação** AJAP | Miguel Inácio **Impressão** Gazela, Artes Gráficas, Lda.

**Depósito Legal** nº 78606/94 **Registo de Título** nº 116714 **Tiragem** 10 000 Exemplares

**Periodicidade** Trimestral **E-mail** ajap@ajap.pt **URL** www.ajap.pt

**Distribuição** Gratuita

Com o apoio



Instituto Português da Juventude, I.P.  
juventude.gov.pt

## JOVEM EMPRESÁRIO RURAL

AJAP

A AJAP acredita que só através do rejuvenescimento do sector agrícola, essencial para garantir o futuro do mundo rural, é possível encontrar uma nova atitude e energia para enfrentar os desafios de reconversão e inovação de sistemas de produção, transformação e comercialização de produtos agrícolas, bem como a promoção do espaço rural, suas vivências e tradições.

Portugal não terá futuro sem um meio rural vivo e desenvolvido, a agricultura é a actividade estruturante do meio rural, seguramente não haverá agricultura no futuro sem Jovens. A agricultura e a revitalização do Mundo Rural têm que ser assumidas

como vectores estratégicos para o desenvolvimento sustentado do País.

É de fácil demonstração que quando a agricultura desaparece numa aldeia ou numa zona rural, tudo o resto desaparece com ela. Pode até não ser o pilar mais forte ou o mais dinâmico, mas é sempre uma âncora segura para todos os outros sectores de actividade. Sem a agricultura não há ordenamento do território, não há património, cultura, em suma não há equilíbrio na sociedade. Grande parte de Portugal é já exemplo desta realidade.



“É de fácil demonstração que quando a agricultura desaparece numa aldeia ou numa zona rural, tudo o resto desaparece com ela. Pode até não ser o pilar mais forte ou o mais dinâmico, mas é sempre uma âncora segura para todos os outros sectores de actividade.”

Apesar dos sucessivos quadros de apoio à instalação de Jovens Agricultores, Portugal, percentualmente, está na cauda da Europa. A AJAP considera imprescindível continuar a lutar por esta causa, dinamizadora do Mundo Rural, e seguramente capaz de gerar mais riqueza, emprego e bem-estar social.

Todavia, cada vez mais se agravam as dificuldades dos jovens que se instalaram na Agricultura, dificuldades associadas a um forte sentimento de incertezas, devido ao desenvolvimento tecnológico, à especialização, ao aumento da dimensão económica viável das explorações, e ainda ao elevado risco e conotação negativa que envolve esta actividade. A instalação exige meios financeiros cada vez mais avultados, ao mesmo tempo que se verifica a dificuldade de acesso ao crédito.

Tendo em conta que a agricultura e o desenvolvimento do Mundo Rural têm de ser assumidos como uma prioridade para o desenvolvimento sustentado do País, a AJAP defende a criação da figura de Jovem Empresário Rural.

Esta nova figura pode na nossa perspectiva traduzir-se num excelente contributo para contrariar a tendência progressiva de destruição do Espaço Rural português, tanto pela desertificação do interior como pelo abandono das terras no litoral semi-urbano, fruto da industrialização e urbanização. Se, por um lado, as regiões do interior precisam de desenvolvimento, por outro, o litoral precisa de protecção para preservar o que resta da "reserva agrícola", de modo a manter a capacidade produtiva dos melhores solos agrícolas e impedir uma concentração excessiva da população em centros urbanos, sem espaços verdes. Os jovens são inequivocamente o garante da viabilidade do espaço rural.

A AJAP está preparada, não só para assumir as responsabilidades

“Esta nova figura pode na nossa perspectiva traduzir-se num excelente contributo para contrariar a tendência progressiva de destruição do Espaço Rural português, tanto pela desertificação do interior como pelo abandono das terras no litoral semi-urbano, fruto da industrialização e urbanização. Se, por um lado, as regiões do interior precisam de desenvolvimento, por outro, o litoral precisa de protecção para preservar o que resta da "reserva agrícola", de modo a manter a capacidade produtiva dos melhores solos agrícolas e impedir uma concentração excessiva da população em centros urbanos, sem espaços verdes. Os jovens são inequivocamente o garante da viabilidade do espaço rural.”

existentes no acompanhamento e apoio à instalação de mais Jovens Agricultores, como também no reconhecimento e afirmação dos Jovens Empresários Rurais, que julgamos de extrema importância para o desenvolvimento e revitalização do Mundo Rural português.





## VALE A PENA DISCUTIR UM NOVO CONCEITO DE JOVEM EMPRESÁRIO RURAL?

Luís Mira da Silva, Rui Almeida e Lúcia Correia | Consulai

Há cerca de dois anos a AJAP propôs a criação de um novo conceito para promover o desenvolvimento rural: o “Jovem Empresário Rural”. Mas a AJAP não se limitou a propor o conceito. Apresentou uma proposta concreta e bem estruturada do que pretendia e de quais seriam os objectivos, e o modelo, desta nova figura. O “Jovem Empresário Rural” deveria ter menos de 45 anos, ser proprietário de terra (pelo menos um hectare), e desenvolver uma actividade associada à agricultura. Estes eram os principais critérios que definiam o novo conceito.

A proposta apresentada gerou um impacto considerável, e não foi apenas no sector. Diversos jornais publicaram artigos e entrevistas acerca do tema, e algumas individualidades, incluindo o Presidente da República, manifestaram publicamente o apoio à iniciativa. Este apoio não é de estranhar. O conceito é claramente apelativo e, pelo menos numa análise superficial, muito importante. Que o desenvolvimento rural deve ser uma prioridade nacional é um facto inquestionável, nem que seja pelo abandono a que certas áreas do país estão sujeitas. Que para isso é importante atrair jovens, e preferencialmente empresários, também não se questiona. Não é por isso de estranhar que a junção das palavras “jovem”, “empresário” e “rural” num único conceito seja algo naturalmente apelativo.

O conceito proposto pela AJAP não sofreu entretanto novos desenvolvimentos, nem teve qualquer impacto directo no sector. Isto deveu-se essencialmente a duas razões. A primeira é que em 2010 estávamos a meio de um quadro comunitário de apoio, e a discussão de políticas e medidas não estava em cima da mesa, como está, aliás, neste momento. A segunda, talvez mais relevante, é que a AJAP sentiu que era necessário discutir e analisar mais aprofundadamente o conceito, porque na forma como tinha sido proposto poderia ser redundante ou difícil de implementar na prática. Foi neste contexto que a AJAP decidiu candidatar um projecto à Rede Rural Nacional, com o objectivo de reavaliar e redefinir o conceito de “Jovem Empresário Rural”.

O projecto apresentado tem como objectivo dar resposta a muitas questões que entretanto surgiram: o conceito de “Jovem Empresário Rural” deve ser aberto e flexível ou restrito e focado? Deve estar associado a uma actividade agrícola e/ou à posse de terra ou não? Deve ser complementar ou alternativo à actividade de jovem agricultor? Deve ser dirigido a inves-

“Diversos jornais publicaram artigos e entrevistas acerca do tema, e algumas individualidades, incluindo o Presidente da República, manifestaram publicamente o apoio à iniciativa. Este apoio não é de estranhar. O conceito é claramente apelativo e, pelo menos numa análise superficial, muito importante. Que o desenvolvimento rural deve ser uma prioridade nacional é um facto inquestionável, nem que seja pelo abandono a que certas áreas do país estão sujeitas. Que para isso é importante atrair jovens, e preferencialmente empresários, também não se questiona. Não é por isso de estranhar que a junção das palavras “jovem”, “empresário” e “rural” num único conceito seja algo naturalmente apelativo.”

timentos de pequena escala ou não deve ter esta limitação? E a questão mais importante: há realmente necessidade de criar um conceito inteiramente novo, ou apenas um conceito que integre as medidas existentes (ou previstas), que são já suficientemente abrangentes para dar resposta às necessidades do meio rural?

Esta última questão é eventualmente a mais importante. Existem actualmente no ProDeR, e estão a ser discutidas no âmbito do novo quadro comunitário e das futuras orientações para a Política Agrícola Comum, diversas propostas que visam promover e dinamizar o desenvolvimento rural, havendo uma continuidade (senão um reforço) das iniciativas de apoio aos jovens agricultores. Neste contexto, o que justifica uma proposta

específica para a criação de um conceito de “Jovem Empresário Rural”? A análise que tem vindo a ser efectuada no âmbito do projecto da Rede Rural Nacional liderado pela AJAP aponta para três justificações.

Em primeiro lugar, porque esta seria uma forma de defender a criação de um apoio (prémio) à instalação de jovens que desenvolvessem projectos empresariais em meio rural. E não há dúvidas que atrair jovens ao meio rural é tão necessário quanto atrair jovens ao sector agrícola. Em segundo lugar, porque a criação formal desta “figura” permitiria criar medidas de discriminação positiva para os jovens empresários rurais (por exemplo, majorações nos apoios financeiros ou benefícios fiscais). Em terceiro lugar, e esta justificação não é tão simples quanto as anteriores, é que isto poderia ser uma oportunidade para agregar, flexibilizar e simplificar um conjunto de medidas que actualmente estão dispersas e são pouco flexíveis.

Mas fazer é mais difícil do que dizer, e mais importante do que apontar justificações para a criação de um novo conceito é definir o modelo em que este deve ser implementado, assegurando que no final existem resultados concretos e positivos. Mudar para ficar tudo na mesma não vale a pena. É justamente por isso que o projecto da AJAP é fundamental. Com os resultados será possível perceber se é necessário e como deve ser implementado o novo conceito de “Jovem Empresário Rural”; que benefícios traz relativamente às medidas que estão a ser discutidas e como pode criar novas oportunidades, atrair jovens e potenciar o desenvolvimento rural. É este o objectivo principal do projecto e do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela AJAP. Os resultados obtidos até à data permitem pelo menos sentir que, apesar de mais longo, o caminho certo é este.

“Existem actualmente no ProDeR, e estão a ser discutidas no âmbito no novo quadro comunitário e das futuras orientações para a política agrícola comum, diversas propostas que visam promover e dinamizar o desenvolvimento rural, havendo uma continuidade (senão um reforço) das iniciativas de apoio aos jovens agricultores. Neste contexto, o que justifica uma proposta específica para a criação de um conceito de “Jovem Empresário Rural”?”





## JOVENS AGRICULTORES DINAMIZAM ZONAS RURAIS

Assunção Cristas | Ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território

Os jovens estão a demonstrar que podem ser o motor do desenvolvimento da economia das zonas rurais. Em pouco mais de um ano, mais de 3.000 jovens instalaram-se na agricultura e, mais 1.000, já apresentaram projetos nas Direções Regionais de Agricultura que estão em fase de análise. Esta adesão dos jovens à agricultura decorre muito da dinâmica que o sector regista mas, também, do reconhecimento que a agricultura ganhou perante o país.

Trata-se de um reconhecimento justo de um sector que, nos últimos sete anos, investiu mais 5.000 milhões de euros e que, só em 2011, investiu 900 milhões de euros. Um sector moderno e sofisticado que exige formação, capacidade de gestão e sentido de risco e que em nada corresponde à imagem imobilista e retrógrada que, durante décadas, os portugueses tiveram da sua agricultura.

Para consolidar esta dinâmica de desenvolvimento das zonas rurais, é preciso que os jovens apostem nas suas terras e percebam que o Portugal rural pode ser uma alternativa para as suas vidas. Mesmo nestes tempos de crise, é possível continuar a apoiar investimentos nas zonas rurais mesmo que não seja diretamente na agricultura.

É importante para os jovens que querem investir no mundo rural que tenham consciência da importância da organização e associação. Uma pequena empresa nunca terá possibilidades de dispor dos meios necessários para chegar ao mercado com a competitividade e exigência de qualidade que hoje se exige. Por isso, estamos a fomentar a concentração da oferta através de uma majoração da ajuda aos investimentos em Organizações de Produtores.

Temos exemplos de pequenos agricultores agrupados que criaram infraestruturas de apoio aos seus associados que passam pela assistência técnica na produção, a recepção, tratamento e embalagem dos produtos e comercialização o que permite diminuir custos de produção e comercialização e ganhar dimensão para estar no mercado. Os casos do Quivi ou do Mirtilo são emblemáticos do que podem fazer muitas pequenas explorações agrupadas. Para não falar nos casos das carnes alentejana e barrosã que são exemplos emblemáticos de organizações de agricultores.



“Os jovens estão a demonstrar que podem ser o motor do desenvolvimento da economia das zonas rurais. Em pouco mais de um ano, mais de 3.000 jovens instalaram-se na agricultura e, mais 1.000, já apresentaram projetos nas Direções Regionais de Agricultura que estão em fase de análise. Esta adesão dos jovens à agricultura decorre muito da dinâmica que o sector regista mas, também, do reconhecimento que a agricultura ganhou perante o país.”



“É importante para os jovens que querem investir no mundo rural que tenham consciência da importância da organização e associação. Uma pequena empresa nunca terá possibilidades de dispor dos meios necessários para chegar ao mercado com a competitividade exigência de qualidade que hoje se exige. Por isso, estamos a fomentar a concentração da oferta através de uma majoração da ajuda aos investimentos em Organizações de Produtores.”

O Plano de Desenvolvimento Rural contém um conjunto de medidas de apoio ao investimento nas zonas rurais. Se verificarmos os meios disponíveis na medida destinada à dinamização das zonas rurais, verificamos que estão disponíveis incentivos à diversificação da atividade nas explorações agrícolas mas, também, a criação de micro-empresas ou o desenvolvimento de atividades turísticas e de lazer. Este tipo de investimentos é uma prioridade da Política Agrícola Comum, PAC que obriga que, do conjunto dos fundos destinados ao desenvolvimento rural, 10% sejam afetos a este tipo de investimentos em dinamização e preservação das zonas rurais.

Estes investimentos são canalizados através da Rede Rural, dinamizados pelos Grupos de Ação Local, GAL, espalhados ao longo do país e constituem uma oportunidade real de investimento nas zonas rurais. Também aqui, a palavra-chave é organização e interligação com as várias entidades que trabalham em cada região. Um projeto de investimento só faz sentido se responder a uma necessidade concreta do mercado a que é destinada e gerar complementaridades com o tecido económico e social locais.

“O Plano de Desenvolvimento Rural contém um conjunto de medidas de apoio ao investimento nas zonas rurais. Se verificarmos os meios disponíveis na medida destinada à dinamização das zonas rurais, verificamos que estão disponíveis incentivos à diversificação da atividade nas explorações agrícolas mas, também, a criação de micro-empresas ou o desenvolvimento de atividades turísticas e de lazer. Este tipo de investimentos é uma prioridade da Política Agrícola Comum, PAC que obriga que, do conjunto dos fundos destinados ao desenvolvimento rural, 10% sejam afetos a este tipo de investimentos em dinamização e preservação das zonas rurais.”



## O REJUVENESCIMENTO AGRO-RURAL: UM NOVO IMPULSO

Miguel Freitas | Deputado do Partido Socialista

O rejuvenescimento do setor agrícola e a atração de jovens para o espaço rural deve ser uma prioridade nacional. São múltiplas as atividades que aqui se podem desenvolver. E é nessa diversidade que constitui a economia agrária que faz sentido afirmar o conceito de jovem produtor rural. Alguém que é capaz de desenvolver atividades integradas em espaço rural, a partir de uma base agro-florestal. E isso requer escolhas. Desde logo, temos de cuidar o discurso político. A retórica de que todos os jovens que não podem fazer outra coisa podem vir para a agricultura é um perigo. Dá uma ideia de facilitismo. Ora, a agricultura é uma atividade exigente em conhecimentos, de alto risco e com período longo de retorno. Rejuvenescer, sim, mas com saber e ponderação.

E a vida no interior do país, particularmente nos espaços rurais é dura. E a desestruturação institucional que se verifica, com o encerramento de serviços públicos, não ajuda. A análise demográfica mostra um abandono das freguesias rurais, um envelhecimento das nossas aldeias e vilas, um empobrecimento social do interior. Mas há todo um tecido urbano das pequenas cidades em reconstrução e uma nova relação entre a cidade e o campo que é preciso potenciar. É preciso encarar a realidade em mudança e encontrar soluções inovadoras.

Há sinais de que os jovens querem regressar ao setor agrícola. Por um lado, aumentou o número de projetos de jovens agricultores no PRODER. Há um sentimento geral de que estes projetos são consistentes e têm pernas para andar. Resta saber quantos jovens que fizeram esta aposta não tinham já ligação à terra e são verdadeiramente novas entradas na economia rural. Além disso, há muitos pequenos e micro projetos de diversificação de atividades. Resta saber quantos são jovens e qual a sua relação com o local de instalação do projeto.

Por outro lado, o ensino de agronomia parece ter um novo impulso, com uma procura este ano superior ao dos anos transatos. Sinal de uma maior expectativa de empregabilidade. Já os cursos de silvicultura sofreram um enorme desgaste.

E sejamos claros. Para os novos técnicos agrícolas portugueses já não há soluções nas instituições, quer públicas, quer associativas. As alternativas que restam estão no empreendedorismo, criando o seu próprio projeto e na atividade produtiva. Mas outros jovens com formações diversas se podem

associar a este novo movimento de redescoberta da agricultura e das atividades rurais. É preciso formação sólida e instrumentos de política e de contexto bem adaptados a esta realidade, que não sendo completamente nova, é cada vez mais seletiva. Com realismo podemos dizer que há aqui uma oportunidade de futuro, se formos capazes de a construir coletivamente.

“A análise demográfica mostra um abandono das freguesias rurais, um envelhecimento das nossas aldeias e vilas, um empobrecimento social do interior. Mas há todo um tecido urbano das pequenas cidades em reconstrução e uma nova relação entre a cidade e o campo que é preciso potenciar. É preciso encarar a realidade em mudança e encontrar soluções inovadoras.”

O acesso à terra é importante. A bolsa de terras não será uma reforma estrutural, mas pode ser um instrumento útil para trazer racionalidade económica a novas explorações. O direito de preferência na aquisição ou arrendamento de terra deve ser flexível e adaptado ao local e a cada caso concreto. Mas a preferência aos jovens agricultores deve ser a orientação geral. A política de regadio é absolutamente crucial. A agricultura ganha competitividade com a disponibilidade de água. Por isso é necessário reforçar o investimento, quer na recuperação dos regadios tradicionais, quer nos novos regadios. E ter uma opção clara no sentido de um maior e melhor aproveitamento dos regadios já existentes.

Estamos a discutir a reforma da PAC e os novos mecanismos de planeamento até 2020. É tempo de agarrar a oportunidade. Estão previstos mais apoios específicos para os jovens agricultores. Com a redistribuição das ajudas diretas e o reforço da componente ambiental, vai ser preciso encontrar novos modelos de exploração que concretizem o sentido da

multifuncionalidade. É preciso uma dotação financeira capaz de incentivar novos projetos agrícolas e florestais, de jovens produtores rurais. Estes instrumentos devem estar relacionados com a bolsa de terras e a política de regadio, particularmente para as produções intensivas e de grandes mercados. Mas também com a diversificação de atividades.

No domínio da diversificação de atividades dever-se-á estimular as economias de aglomeração, procurando que haja pequenos e micro projetos de transformação e comercialização, dentro ou fora da exploração agrícola. Muito já foi feito nesta frente, criando-se mercados de proximidade interessantes. Mas é um esforço que deve continuar. Há ainda espaço de valorização das produções de pequena escala.

O desenho do próximo instrumento de planeamento é essencial. Simplificar, retirar carga burocrática, mas também abrir novos modelos de candidatura que permitam dar coerência e viabilidade aos projetos multifuncionais. Dando expressão a exigências de uma economia a precisar de reforçar a produção de bens transacionáveis, e dando resposta às necessidades efetivas daqueles que querem investir.

Em suma, temos desafios tremendos pela frente que exigem dos produtores rurais e das administrações, públicas e privadas, estratégias de eficiência coletiva. Há sempre um ponto mais alto a que queremos chegar. Sem esquecer o muito que já foi feito. Considero, sinceramente, que todos os novos conceitos devem ser integrados, num processo iterativo entre a política e a realidade económica e social. É, assim, que encaro a projeção do “jovem produtor rural” e a formulação dos instrumentos de planeamento. Para um novo impulso no rejuvenescimento agro-rural.

“O acesso à terra é importante. A bolsa de terras não será uma reforma estrutural, mas pode ser um instrumento útil para trazer racionalidade económica a novas explorações. O direito de preferência na aquisição ou arrendamento de terra deve ser flexível e adaptado ao local e a cada caso concreto. Mas a preferência aos jovens agricultores deve ser a orientação geral. A política de regadio é absolutamente crucial.”





## NOVOS DESAFIOS NA REGIÃO CENTRO

Adelina Martins | Directora Regional de Agricultura e Pescas do Centro

Na DRAP Centro, na zona de Idanha-a-Nova, na Herdade do Couto da Várzea, pela mão de mais de duas dezenas de jovens, está a nascer a maior área contínua de produção de mirtilo em Portugal.

Trata-se de um investimento em cerca de 50 hectares de mirtilo, um fruto silvestre que escasseia na Europa e cuja produção apresenta um elevado potencial de exportação.

Por questões conjunturais, estes jovens, oriundos das mais variadas zonas do país e de espaços rurais distintos, de formações diversas, desde professores, arquitetos, engenheiros, enfermeiros, etc., decidiram criar novas oportunidades de negócio, complementando a sua atividade profissional noutras áreas com a atividade rural e pecuária, identificando novos nichos de mercado, ou dinamizando os existentes.

Tem-se assistido a um regresso à terra como resposta a uma necessidade de novas estratégias de desenvolvimento rural, envolvendo o fortalecimento da agricultura familiar, como meio de assegurar a permanência no campo das novas gerações, o que fez com que algumas dezenas de jovens considerassem o setor primário uma boa aposta.

As sociedades rurais contemporâneas apresentam cada vez mais mudanças significativas no âmbito das conceções do mundo, das modalidades de trabalho e dos estilos de vida e,

“... jovens, oriundos das mais variadas zonas do país e de espaços rurais distintos, de formações diversas, desde professores, arquitetos, engenheiros, enfermeiros, etc., decidiram criar novas oportunidades de negócio, complementando a sua atividade profissional noutras áreas com a atividade rural e pecuária, identificando novos nichos de mercado, ou dinamizando os existentes.”



“Tem-se assistido a um regresso à terra como resposta a uma necessidade de novas estratégias de desenvolvimento rural, envolvendo o fortalecimento da agricultura familiar, como meio de assegurar a permanência no campo das novas gerações, o que fez com que algumas dezenas de jovens considerassem o setor primário uma boa aposta... As sociedades rurais contemporâneas apresentam cada vez mais mudanças significativas no âmbito das conceções do mundo, das modalidades de trabalho e dos estilos de vida ...”

sobretudo, dos processos de tomada de decisão e escolhas de futuro. Espera-se que esta nova aposta num investimento feito no interior, alie o conceito de jovem agricultor ao conceito de empreendedorismo, enquanto promotor do desenvolvimento económico e social das regiões do interior, da melhoria do bem estar da população e da dinamização da cidadania das populações.

Esta é também uma aposta centrada nas pessoas. Uma aposta que pretende tornar mais apelativo o espaço rural e assim combater a desertificação, fazendo-o inverter pela via da fixação da população ativa nos meios rurais mais desfavorecidos e contrariando assim o que nos últimos tempos se tem notado acontecer. Uma situação na qual com muita frequência os jovens se deslocam em Portugal para os grandes centros urbanos, na maior parte das vezes para o litoral, ou procuram novos desafios no estrangeiro.

Esta dinâmica de “regresso à terra” dos jovens, tem vindo a crescer na região Centro, sendo que já se instalaram com o apoio do PRODER, na região cerca de 950 jovens, com investimento previsto de 78 M€, a que acresce um prémio de 1ª instalação de 32 M€.





# JOVEM EMPREENDEDOR

## Na Bovinicultura Leiteira

Nomes: André de Oliveira e Silva

Idade: 23 anos

Estado Civil: Solteiro

Habilitações: 12º Ano. Técnico de Agropecuária. Frequenta o Curso de Cuidados Veterinários.

Ano de Instalação: 2009

### CARACTERIZAÇÃO GENÉRICA DA EXPLORAÇÃO

SAU: 20 ha

Especialização Produtiva: Bovinos de Leite

Mão-de-Obra Permanente: O próprio e um ordenhador a meio tempo

## ENTREVISTA

1 – Quais os motivos que o levaram a enveredar pela actividade agrícola e em particular pela produção de leite de vaca?

Desde miúdo que queria ser agricultor e produtor de leite de vaca. Os meus pais tinham a exploração orientada para outras actividades, nomeadamente a produção de flores e de batatas. Também tinham vacas minhotas, ovelhas e cabras.

Sempre os ajudei nas tarefas agrícolas mas desde logo verifiquei que não eram aquelas actividades que me seduziam nem me permitiam auferir um rendimento que me pudesse manter na agricultura.

Em 2008 concluí o curso de Técnico de Agropecuária e apresentei um projecto de Jovem Agricultor (elaborado pelos serviços técnicos da AJAP), cujos investimentos concluí este ano.

Foram quatro anos de muitas dificuldades, com uma conjuntura económica muito pouco favorável ao sector leiteiro: o leite a baixar de preço e as matérias primas, componentes das rações a subir, bem como todos os factores de produção agrícola. Os bancos a limitar o crédito aos jovens porque não têm histórico e tanta burocracia com que me tive que bater, quer para construir as instalações pecuárias e legalizá-las, quer para começar a entregar o leite à Agros.

Hoje reconheço, como dizem colegas mais velhos, que me meti nisto na pior altura, mas também acredito que se sobreviver a esta fase difícil, ficarei preparado para enfrentar novos desafios no sector.

2 – Procedeu a estudos de mercado de forma a avaliar a capacidade de escoamento do produto da sua exploração?

Felizmente o sector leiteiro soube organizar-se no passado, desenvolvendo um sistema cooperativo muito forte e muito bem sucedido. Desde que se consiga nele entrar o problema do escoamento não se tem colocado. É a grande vantagem deste sector.

3 – Acompanha o desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação numa perspectiva de proceder à sua constante actualização na exploração? Porquê?

Acompanhar acompanhado em conhecimento das mesmas agora aplicá-las na exploração é que vai mais devagar porque é preciso investir muito e já falei das dificuldades com que nos deparamos.

4 – Quais foram as preocupações ambientais presentes aquando da elaboração do projecto de instalação e de que forma as questões ambientais são actualmente integradas na sua exploração?

Na elaboração do projecto tivemos que ter em atenção esses pressupostos ambientais. Instalamos um recuperador de calor (com o calor libertado pelos motores do tanque de refrigeração do leite conseguimos aquecer a água que necessitamos na exploração). Instalamos também um reservatório de chorume que nos permite armazenar o mesmo durante os meses de Inverno, para aplicação como fertilizante nas culturas de Primavera e Verão, evitando com este procedimento a sua aplicação no período das chuvas que levaria a uma lixiviação dos solos e contaminação das águas com nitratos.

5 – Tendo por base a sua experiência, quais os factores determinantes do sucesso das explorações dos Jovens Agricultores?

Penso que o primeiro factor é a paixão pela agricultura que nos leva a deixar para trás horas de divertimento e de convívio quer com amigos quer com a família, tornando-nos mesmo “escravos” desta paixão. É uma profissão que nos envolve no mínimo dezasseis horas por dia. É muito importante o apoio familiar e de toda a comunidade que nos rodeia, principalmente dos outros agricultores mais velhos. Se juntarmos a isto a força que temos, novos conhecimentos e novas tecnologias... por certo venceremos.

6 – Quais os planos, a médio e longo prazo, para a sua exploração?

Está difícil de fazer planos a médio prazo e pior a longo prazo. No entanto pretendo a curto prazo crescer para as 70 produtoras em ordenha e para cerca de 150 animais na exploração. Terei que alugar mais SAU e fazer obras no estábulo, bem como adquirir uma nova unidade de ordenha ou introduzir os robots de ordenha.

7 – Como perspectiva a evolução do sector leiteiro?

Pois aí é que está a questão. Como vamos aguentar-nos quando acabar o sistema de quotas que nos tem defendido da concorrência dos nossos colegas dos países do Norte da Europa com explorações mais bem dimensionadas e com custos de produção mais baixos. Ainda acredito que vai ser encontrado mais um período transitório em que nos vão permitir evoluir mais para ficarmos mais próximos do nível deles.

UMA PALAVRA DE UM JOVEM PARA OS JOVENS:

Determinação. Se quisermos somos capazes.

## VALEAMBIENTE - ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO INTERIOR NORTE

Cristina Pires e Bruno Guedes



A Valeambiente – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Interior Norte, sediada em Valpaços, foi constituída em julho de 2010 com o objetivo de promover os interesses específicos e setoriais dos seus associados e partes interessadas, relacionados com a atividade agrícola e ambiental.

Nasceu num espaço pequeno, mas com uma vontade grande e, passados dois meses, contava já com 200 associados e um novo posto de atendimento situado em Rebordelo, concelho de Vinhais.

Desde a sua constituição, a Valeambiente tem crescido a um ritmo de 30% ao ano e, atualmente, têm cerca de 500 associados apoiados por 2 técnicos superiores. Os serviços prestados são a elaboração de candidaturas ao Pedido Único (PU), atendimento permanente ao Parcelário Agrícola, acompanhamento de explorações agrícolas, assistência à conversão ao Modo de Produção Biológico (MPB) e Produção Integrada (PRODI), assistência ao Serviço de Aconselhamento Agrícola (SAA), elaboração de projetos agrícolas ao Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER), execução de contabilidades agrícolas (RICA), assistência à certificação de produtos agrícolas (IGP, ETG, DOP, DOC, BIO e PRODI), Posto de Atendimento SNIRA e é promotora de formação profissional certificada.

Situada num concelho de pequenos agricultores, em que a maioria dos produtores ultrapassam os 60 anos de idade e onde os apoios nunca são suficientes para um setor cada vez mais débil, a Valeambiente enfrenta um futuro rigoroso, pois depende quase na totalidade da manutenção da atividade agrícola e dos apoios que lhe estão associados.





Por isso é necessário repensar todos os dias, novos desafios. É urgente inverter a tendência de quem pratica esta atividade e de como se pratica, mas mais do que isso, é importante criar condições atrativas, alterar as formas de apoio, mudar mentalidades, formar jovens, ensinando-lhes a profissão, fazendo-os acreditar que há futuro.

Assim, a Valeambiente tem vindo a estabelecer diversas parcerias com entidades públicas e privadas do setor, de forma a responder às exigências dos associados e a manter uma cadeia de informação próxima, credível e acessível a todos.

O futuro avizinha-se difícil, mas a Valeambiente ciente das potencialidades deste concelho agrícola, rico em termos de densidade de culturas, nomeadamente vinha, olival, amendoal e castanheiros, pensa futuramente, contribuir para a organi-

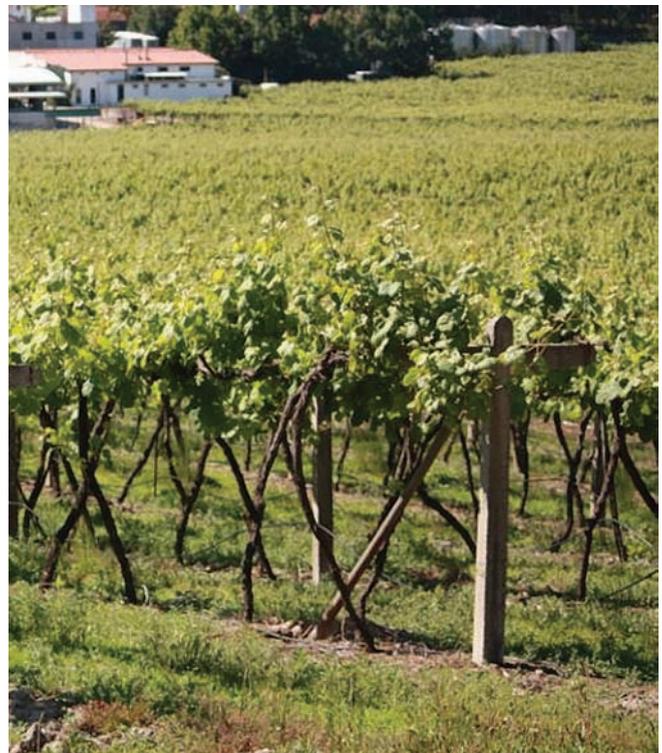


zação dos produtores na comercialização de produtos de qualidade, favorecendo assim a competitividade no setor.

No fundo, o papel da Valeambiente enquanto organismo, vai muito para além da atividade associativa, pois tem responsabilidade social, tendo o dever de combater a desertificação, de gerar emprego, de melhorar as condições sociais e económicas dos associados e partes interessadas e, sobretudo, de trazer esperança, mesmo contra todas as adversidades.

Também os nossos governantes não devem ficar à margem, devendo mudar a forma como veem e apoiam a atividade agrícola nestas zonas, já por si, desfavorecidas.

A responsabilidade é comum e deve ser partilhada por todos, pois está em causa a necessidade mais básica do ser humano: a alimentação.



## LEITE E JUVENTUDE

Carlos Neves | Produtor de Leite, Presidente da APROLEP

A produção de leite em Portugal atravessa actualmente uma fase complicada, com preços ao produtor abaixo da média comunitária e altos custos das matérias-primas para alimentação animal.

É uma situação difícil para os cerca de 7.000 produtores que resistem e produzem anualmente cerca de 1.800.000 litros de leite, o suficiente para as necessidades do país. A produção reparte-se em três núcleos distintos: um terço no Norte de Portugal, sobretudo litoral, um terço nos Açores e um terço no restante território do continente, com um núcleo importante na beira litoral e algumas explorações de maior dimensão no Ribatejo e Alentejo.

A produção provém essencialmente de explorações agropecuárias familiares de pequena ou média dimensão, que cultivam milho (para silagem) na Primavera / Verão e erva (azevéns) no Outono / Inverno para alimentação dos animais.

Essas forragens são depois complementadas com matérias-primas importadas, nomeadamente milho e soja, cujo custo é cada vez mais elevado.

O leite “cru” produzido nas explorações, ordenhado duas ou três vezes ao dia, é armazenado em frio a 3°C e vendido à indústria, privada ou cooperativa, que o transforma em leite UHT ou nos diversos lacticínios vendidos depois à distribuição que os coloca à disposição do consumidor.

O sector registou uma evolução notável nos últimos anos, em termos de tecnologia, produtividade por animal, qualidade do produto e estrutura produtiva. 7.000 produtores produzem hoje mais leite e com mais qualidade e segurança do que produziam 70.000 produtores há 20 anos. O leite é um dos produtos mais controlados e analisados e, até agora, não sofreu qualquer crise de segurança alimentar.



A percentagem de jovens na produção de leite é baixa, provavelmente mais baixa que noutros sectores agrícolas, facto explicável pelo pesado investimento necessário para arranque na exploração, muito superior ao necessário para iniciar uma exploração hortícola, por exemplo. Provavelmente mais de 95% dos jovens produtores de leite instalaram-se por sucessão dos pais na exploração. É uma actividade pouco sujeita a riscos climáticos, com rendimento mais previsível que muitas actividades vegetais, mas actualmente com baixa expectativa de rendimento.

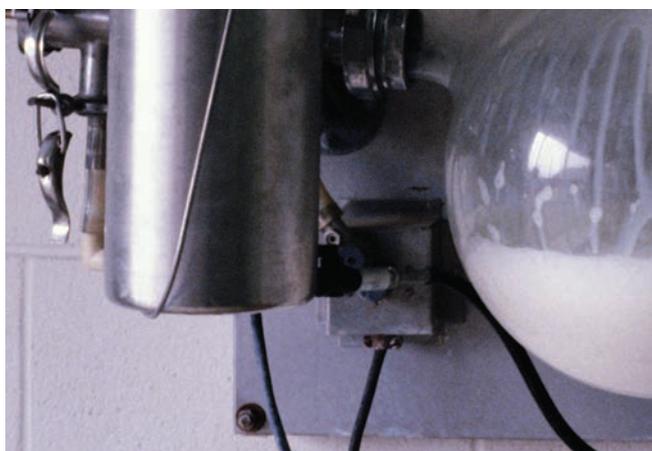
Cerca de 70% do leite produzido em Portugal é recolhido e comercializado ou transformado por cooperativas. Devemos às cooperativas, aos seus fundadores, associados, dirigentes e funcionários a qualidade actual do leite português, a organização da recolha e a evolução do sector. Muitos dos grandes produtores de hoje começaram pequenas explorações à volta de uma sala de ordenha colectiva ou posto de recolha, com apoio técnico e financeiro das cooperativas. Mas o mau funcionamento de muitas cooperativas é também apontado por muitos dos jovens produtores de leite e a AJAP, ao longo dos anos, deu muitas vezes voz ao descontentamento juvenil na fileira do leite. Certo é que quando as cooperativas funcionam, e pagam bem, o sector tem saúde, ao passo que quando as cooperativas se constipam o sector fica doente.

A criação de um laboratório interprofissional foi uma das reivindicações históricas da AJAP que herdei e assumi quando integrei a direcção da Associação. Particpei no difícil processo de nascimento do laboratório e integrei a direcção da Alip, Associação para o laboratório interprofissional, durante dois mandatos. A Alip tem as suas actividades centradas no laboratório, não sendo ainda um organismo interprofissional em toda a sua plenitude, sendo essa transformação um desafio que a AJAP deve agora assumir.

O futuro da produção de leite em Portugal dependerá das decisões e acções do presente. Se essas decisões dependerem

apenas dos mais velhos, corremos o risco de viver da memória histórica e agir com horizontes limitados. É por isso fundamental que a AJAP seja um espaço de intervenção para os jovens produtores de leite bem como escola de formação de dirigentes agrícolas para as organizações seniores, sejam associações ou cooperativas, para que não seja a ausência dos jovens ou falta de capacidade de intervenção a desculpa para os mais velhos se eternizarem no poder. Depois, creio que a própria AJAP enquanto instituição deve ter como bandeira a renovação das organizações agrícolas em Portugal. Faz sentido continuar a produzir leite perante todas as dificuldades actuais e ameaças como o fim das quotas leiteiras e redução de apoios no âmbito da próxima reforma da PAC? Creio que sim. Faz sentido produzir leite e lutar pelo futuro deste sector em Portugal porque se trata de um alimento completo e saudável e o mundo precisará a médio prazo de toda a comida que se possa produzir. Também faz sentido exigir justiça na repartição de esforços e lucros entre produção, indústria e distribuição.

A crise económica e o funcionamento de um PRODER em velocidade de cruzeiro permitiram nos últimos tempos uma vaga importante de instalações de jovens agricultores na actividade agrícola. Além de aproveitar os apoios técnicos e económicos para o investimento inicial e desenvolvimento da produção, é importante que os jovens agricultores estejam conscientes da importância de se organizarem para comercializar e se defenderem de todos os que querem “espremer” quem trabalha a terra e cuida dos animais. Essa defesa passa tanto pela pequena organização local de produtores como por uma grande organização como a AJAP que não pode deixar de ser irreverente como os jovens e intervir ao mais alto nível em defesa dos jovens agricultores e da soberania alimentar do país. Portugal, a agricultura e a produção de leite precisam da instalação, participação e intervenção dos jovens agricultores. Como dizem os colegas franceses, “quando os jovens puxam, a agricultura avança”.



## JOVEM EMPRESÁRIO RURAL || UM NOVO CONCEITO PARA POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO DO MUNDO RURAL

AJAP

A AJAP – Associação dos Jovens Agricultores de Portugal em colaboração com o CEJA – Conselho Europeu dos Jovens Agricultores e apoiado pelo Programa para a Rede Rural Nacional, encontra-se a organizar um Seminário Europeu visando a apresentação e reconhecimento da figura do “Jovem Empresário Rural”.

O Fórum em causa será realizado no Palácio da Bolsa no Porto,

no dia 19 de Outubro e contará com a presença dos representantes das 27 Organizações de Jovens Agricultores da União Europeia, bem como demais personalidades de reconhecido mérito no sector agrícola nacional e europeu.

Perspectiva-se uma ampla reflexão sobre a necessidade de afirmação da figura do Jovem Empresário Rural, definição do conceito e enquadramento.



A AJAP - Associação dos Jovens Agricultores de Portugal - tem a honra de convidar V. Ex<sup>ª</sup> para o **Seminário Europeu “JOVEM EMPRESÁRIO RURAL | Um Novo Conceito para Potenciar o Desenvolvimento do Mundo Rural”** a ter lugar no dia 19 de Outubro de 2012, no Palácio da Bolsa no Porto.

R.S.S.F.: 213 244 970 ou [ajap@ajap.pt](mailto:ajap@ajap.pt)



GOVERNO DE PORTUGAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,  
DO MAR, DO AMBIENTE  
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu Agrícola  
de Desenvolvimento Rural

A Europa investe nas zonas rurais

AJAP/CEJA

PROGRAMA | 19 de Outubro (Sexta-Feira)

Palácio da Bolsa | Porto

8.45 | **Recepção dos Participantes**

9.00 | **Sessão de Abertura**

| Eng.º Vladimiro Feliz (Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto)

| Eng.º Armando Pacheco (Presidente da AJAP)

| Dr. Manuel Cardoso (Director Regional da Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAP Norte))

9.30 | **Conceito de Jovem Empresário Rural, sua Necessidade e Reconhecimento**

| Prof. Doutor Luís Mira da Silva (CONSULAI), Introdução ao Conceito de Jovem Empresário Rural, Necessidade e Reconhecimento

| Prof.ª Doutora Lúvia Madureira (Professora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD))

| Dr. Mário Fidalgo (Vice-Presidente da MINHA TERRA - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local)

| Eng.º Manuel Granchinho (Representante do Gabinete de Planeamento e Políticas (GPP))

| Moderador: Eng.º Carlos Duarte

10.45 | **Intervalo**

11.15 | **Conceito de Jovem Empresário Rural numa Perspectiva Europeia**

| Dr. Nuno Melo (Eurodeputado do PP)

| Eng.º José Manuel Sousa Uva (Director Aspectos Horizontais do Desenvolvimento Rural (DG Agri Comissão Europeia))

| Eng.º Joris Baecke (Presidente do Conselho Europeu dos Jovens Agricultores (CEJA))

| Dr.ª Gabriela Ventura (Gestora do PRODER/PRRN)

| Prof. Doutor Arlindo Cunha (Professor Universitário)

| Moderador: Dr. Paulo Ramalho

12.45 | **Dr. Capoulas Santos** (Relator do Parlamento Europeu para os Principais Regulamentos da Reforma da PAC) (Apresentação Vídeo)

13.00 | **Sessão de Encerramento**

| Professora Doutora Assunção Cristas (Ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (MAMAOT))

13.30 | **Almoço**

## RECURSOS ESCASSOS DA PRÓXIMA GERAÇÃO DE AGRICULTORES EUROPEUS PRECISAM URGENTEMENTE DE MAIS PROTECÇÃO

CEJA

Dirigindo-se aos 27 Ministros da Agricultura da União Europeia, Joris Baecke, Presidente do CEJA, insistiu para que o Conselho adopte e fortaleça as medidas propostas para os Jovens Agricultores na futura PAC.

A continuação da tendência de declínio no acesso dos Jovens ao Sector Agrícola é demasiado dramático para ficar sem resposta. Destacando em particular a necessidade do aumento de produção de alimentos no futuro, juntamente com a crescente exigência das normas ambientais, Baecke questionou a relevância dos esforços para garantir a sustentabilidade ambiental e económica sem medidas de acompanhamento para uma forte sustentabilidade demográfica no sector.

O Conselho Rural Informal Cipriota teve lugar em Nicósia, no Chipre entre 9 e 11 de Setembro de 2012. A reunião centrou-se no tema da Presidência Cipriota "Conservação do potencial da Europa para produção de alimentos, energias renováveis e bens públicos: tendo em conta a escassez de água e abandono da terra associados a condições climáticas adversas".

Destacando a importância da renovação geracional de modo a garantir a segurança alimentar e evitar o abandono das terras, bem como a contribuição para o aumento da sustentabilidade ambiental, susceptíveis de serem assegurados por Jovens Agricultores, inovadores e com formação, Baecke destacou como são fundamentais as medidas sobre os Jovens Agricultores na proposta da PAC, e o quanto as referidas medidas necessitam de apoio.

Delineando estas medidas, Joris Baecke declarou: "Precisamos de uma Política de Instalação Comum paralelamente à Política Agrícola Comum, e quero enfatizar a palavra "comum". A União Europeia está a enfrentar um problema colectivo, que precisa de uma solução colectiva". O Presidente do CEJA realçou o seu apoio para um obrigatório *top-up* (aumento do pagamento base) para os Jovens Agricultores no primeiro pilar da PAC como medida efectiva necessária para revitalizar a renovação geracional na agricultura europeia. Baecke terminou o discurso apelando aos líderes europeus para darem atenção às suas palavras, afirmando que "o futuro dos produtos alimentares europeus está nas [suas] mãos" e que "é o recurso escasso de renovação geracional na agricultura europeia que necessita da mais urgente protecção".



Fonte: CEJA



SAA | Serviço de Aconselhamento Agrícola  
*A AJAP é Valor para o Agricultor*

# ADIRA ao Serviço de Aconselhamento Agrícola

## ACONSELHAR



PARA VALORIZAR  
A SUA EXPLORAÇÃO

CONTACTE O TÉCNICO AJAP DA SUA REGIÃO

SISTEMAS DE INJEÇÃO  
DE ALTA PRESSÃO DE COMBUSTÍVEL

Com a introdução das novas tecnologias na maquinaria agrícola, incluindo motores cada vez menos poluentes e geridos por unidades de comando electrónico, estas trouxeram, em conjunto com outras preocupações até então menos relevantes, a exigência no cumprimento dos regulamentos comunitários, cada vez mais rigorosos, sobre emissões de ruído e de partículas nos gases de escape, aplicados às máquinas “off-road” (tractores agrícolas incluídos). Assim, surgiu a necessidade da introdução dos já comuns sistemas de injeção de combustível de alta pressão “common rail”.

Este sistema oferece elevados padrões de eficácia e fiabilidade mantendo duas grandes diferenças entre si e os outros sistemas de injeção. Uma delas é a acumulação de pressão e a injeção que proporciona, garantindo sempre a pressão de injeção ideal, independentemente da rotação do motor. Outra é a possibilidade de uma injeção múltipla por cada ciclo de trabalho do motor, dividindo-se numa injeção prévia para que este rode com suavidade, uma injeção principal para uma melhor elevação de potência e uma injeção posterior para reduzir as emissões.

Este sistema simples mas eficaz foi desenvolvido para atender às actuais exigências do mercado relativamente à diminuição do consumo de combustível, à redução da emissão de gases poluentes e a um maior rendimento do motor exigido pelo mercado. Para isto são necessárias altas pressões de injeção, curvas de injeção exactas e dosagens extremamente precisas de volume do combustível. O sistema é composto por uma bomba de carga que alimenta uma bomba de alta pressão.

A bomba de alta pressão faz chegar o combustível ao acumulador, “Rail” ou régua comum como é normalmente conhecida. O combustível está permanentemente disponível com uma pressão adaptada às necessidades de serviço e pronto a ser injectado quando necessário. Em cada cilindro do motor encontra-se um injector com uma válvula electromagnética integrada. A abertura e fecho da válvula determina o início e a quantidade de combustível a ser injectada. A vontade do operador, supervisionada por uma unidade de comando, é transmitida através do acelerador a esta unidade (ECU), após uma verificação de todos os sensores do motor a ECU calcula a pressão necessária do combustível, a duração da injeção,

ou seja, a quantidade e o momento de injeção.

No entanto, a introdução destes sistemas acarreta preocupações acrescidas com a qualidade dos combustíveis utilizados e o seu armazenamento, o respeito pelos intervalos de manutenção do motor, a qualidade dos filtros de combustível. Torna-se essencial equilibrar a necessidade de rentabilização dos equipamentos com a necessidade de reduzir os custos com o consumo de combustível. Esta tentativa de equilíbrio leva muitos utilizadores ao uso de combustíveis menos próprios ou ao “desrespeito” aos intervalos de manutenção o que, no futuro, poder-se-á traduzir em avarias graves nos sistemas de combustível “common rail”.

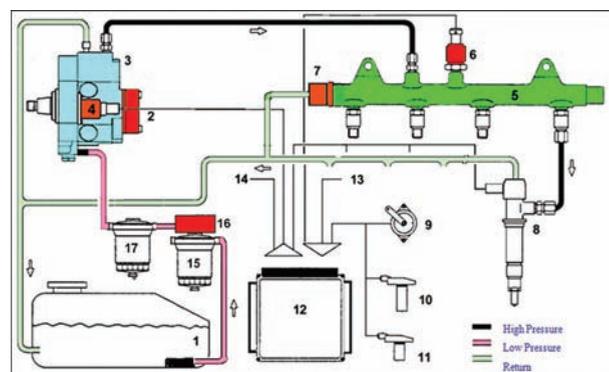


Diagrama de um sistema “common rail” Bosch que equipa os modernos motores AGCO SISU Power

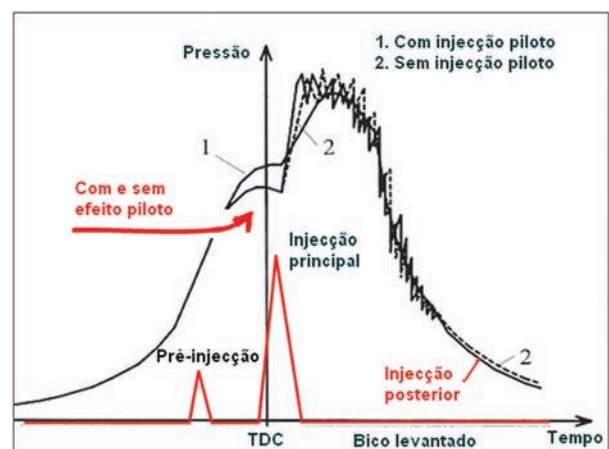
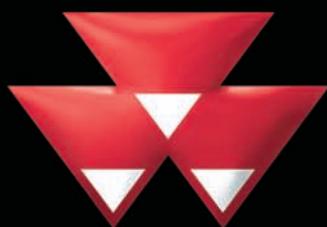


Gráfico de um ciclo de injeção dos modernos motores AGCO SISU Power

# ADN SUPERIOR



**MASSEY FERGUSON**



**Grupo**  
**Tractores de Portugal**



**Grupo Tractores de Portugal**  
Estrada da Circunvalação - Letras TPL-TCD  
Olivais Norte - 1800-136 Lisboa  
Tel. 218 551 000 - Fax. 218 551 037  
[www.tractoresdeportugal.com](http://www.tractoresdeportugal.com)



**energy**  
**solutions**



## SISTEMAS DE PRODUÇÃO RENOVÁVEIS

- Projecto, instalação e manutenção de sistemas solares térmicos
- Gestão de sistemas de geração de energia solar, eólica, cogeração e mini-hídricas
- Projecto, instalação e manutenção de sistemas de microgeração
- Projecto, instalação e manutenção de sistemas de minigeração
- Projecto, instalação e manutenção de parques solares fotovoltaicos
- Construção de parques eólicos

**Energy Solutions**

Damos valor à sua energia

**Energy Solutions**  
Visabeira Global  
Repeses 3504-511, Viseu

T. (+351) 232 483 115  
F. (+351) 232 483 151  
M. (+351) 965 933 015

[energysolutions@visabeiraglobal.com](mailto:energysolutions@visabeiraglobal.com)  
[www.energysolutions.pt](http://www.energysolutions.pt)



**AJUDA À ELECTRICIDADE**

Despacho n.º 11151/2012, DR n.º 158, Série II, de 16 de Agosto  
Institui um apoio financeiro, com o objectivo de compensar os agricultores pelo custo da energia utilizada nas actividades de produção agrícola e pecuária, no período compreendido entre Setembro de 2011 e Março de 2012.

**AJUDA À UTILIZAÇÃO DE MOSTO CONCENTRADO**

Portaria n.º 280/2012, DR n.º 179, Série I, de 14 de Setembro  
Estabelece, para o território do continente, as normas complementares para execução da ajuda à utilização de mosto de uvas concentrado e mosto de uvas concentrado rectificado nas campanhas vitivinícolas de 2008-2009 a 2011-2012.

**DESENVOLVIMENTO RURAL**

Portaria n.º 236/2012, DR n.º 153, Série I, de 8 de Agosto  
Altera o Regulamento de Aplicação dos Investimentos Não Produtivos da Medida n.º 2.4 - Intervenções Territoriais Integradas, do subprograma n.º 2 - Gestão sustentável do Espaço Rural, do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (PRODER).

**FRUTAS E HORTÍCOLAS**

Regulamento (UE) n.º 755/2012, JO L n.º 223, de 16 de Agosto  
Relativo à elegibilidade das despesas específicas das acções ambientais no âmbito dos programas operacionais das organizações de produtores no sector das frutas e produtos hortícolas.

Regulamento (UE) n.º 701/2012, JO L n.º 203, de 30 de Julho  
Relativo às regras de execução do Reg. (CE) n.º 1234/2007 nos sectores das frutas e produtos hortícolas e das frutas e produtos hortícolas transformados.

**SECA 2012**

Portaria n.º 203/2012, DR n.º 128, Série I, de 4 de Julho  
Relativa ao prazo para o pedido de isenção de contribuição para a Segurança Social.

**SNIRA**

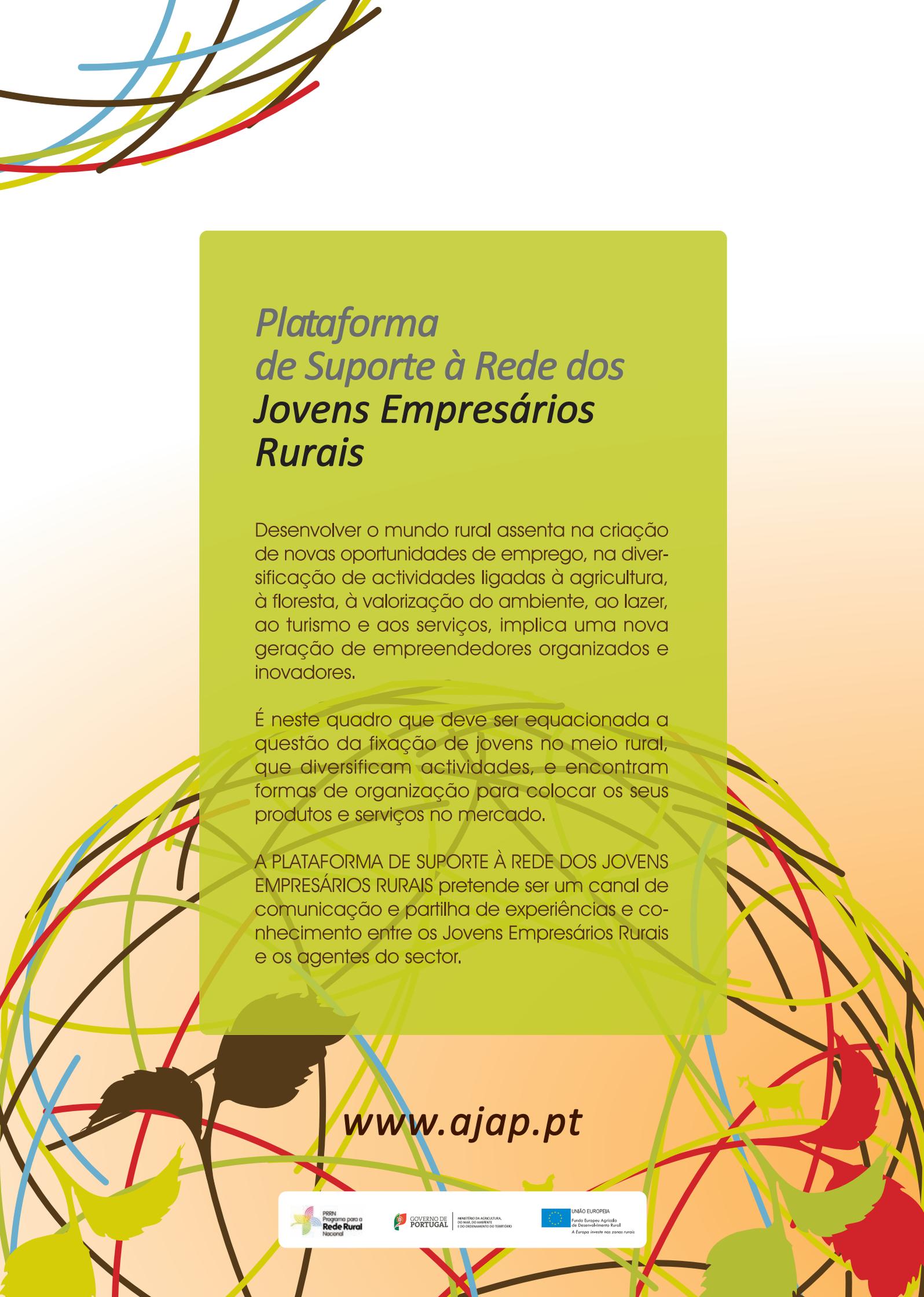
Despacho n.º 10188/2012, DR n.º 146, Série II, de 30 de Julho  
Relativo às Declarações de nascimentos, mortes, desaparecimentos e quedas de brincos de bovinos.

**REGIMES DE APOIO DIRECTO**

Regulamento de Execução (UE) n.º 666/2012, DR n.º 194, de 20 de Julho  
Relativo às obrigações de notificação no âmbito da organização comum dos mercados agrícolas, bem como aos regimes de apoio directo aos agricultores

**VINHO**

Despacho n.º 12232/2012, DR n.º 181, Série II, de 18 de Setembro  
Autoriza o enriquecimento dos mostos na campanha vitivinícola de 2012-2013.



## *Plataforma de Suporte à Rede dos Jovens Empresários Rurais*

Desenvolver o mundo rural assenta na criação de novas oportunidades de emprego, na diversificação de actividades ligadas à agricultura, à floresta, à valorização do ambiente, ao lazer, ao turismo e aos serviços, implica uma nova geração de empreendedores organizados e inovadores.

É neste quadro que deve ser equacionada a questão da fixação de jovens no meio rural, que diversificam actividades, e encontram formas de organização para colocar os seus produtos e serviços no mercado.

A PLATAFORMA DE SUPORTE À REDE DOS JOVENS EMPRESÁRIOS RURAIS pretende ser um canal de comunicação e partilha de experiências e conhecimento entre os Jovens Empresários Rurais e os agentes do sector.

[www.ajap.pt](http://www.ajap.pt)